



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

RELIGIÃO E EDUCAÇÃO FEMININA: CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES NO GINÁSIO SANTA RITA (1947-1955)

Francymara Antonino Nunes de Assis

Universidade Federal da Paraíba
francym@terra.com.br

1- Introdução:

Este trabalho é fruto da tese de doutorado **Práticas educativas no cariri paraibano: histórias e memórias da educadora Estelita Antonino de Souza (1947-1991)**, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba.

Entendendo que a riqueza de experiências e conhecimentos que os educadores constroem ao longo de suas trajetórias é o que efetivamente constitui as histórias da educação de cada escola, de cada contexto, de cada época. Nesse sentido, proponho a utilização das narrativas sobre o cotidiano escolar e a análise das cartas e cartões de Estelita Antonino de Souza, professora e historiadora, natural do Sítio Ligeiro, zona rural da cidade de Serra Branca, como objeto de estudo e fonte para a escrita da história da educação da Paraíba.

A trajetória profissional de Estelita Antonino foi vivenciada com base na sua condição de mulher branca, letrada, católica e dependente do trabalho para viver e sustentar a família. No seu trajeto, esses condicionantes não estiveram organizados e separados uns dos outros. Pelo contrário, eles foram experimentados de forma combinada, e às vezes até contraditória, ao longo da vida, constituindo, a cada momento, sua identidade e história.

Das muitas condições experimentadas por Estelita, a religiosa me parece não a determinante, mas a que ajuda a dar sentido a algumas de suas escolhas e à sua trajetória no campo educacional. A opção pela fé católica apostólica romana criou para ela um universo de possibilidades, servindo como norte, como orientação. Essa participação no universo religioso cristão deve ser explicitada e compreendida como condição para o entendimento da construção da sua identidade, assim como sua atuação e pensamento



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

como educadora. Essa vivência orientou de forma decisiva seu percurso no campo educacional, e se a experiência religiosa não determina Estelita Antonino como sujeito, sua compreensão nos aproxima dela, e permite lançar luzes sobre sua trajetória.

Conforme afirma Scott (1999), as experiências dos indivíduos devem ser historicizadas, o que me permitiu indagar, tomando a religião como chave de leitura para compreender a trajetória de Estelita Antonino, o que significava ser católica praticante no Brasil na segunda metade do século XX, operação necessária para que se entenda a sociedade e o indivíduo.

Abraçar a Igreja Católica significava incorporar um *ethos* e uma visão de mundo que deveria guiar e dar sentido às ações de seus adeptos. No caso de Estelita, a interlocução com as missionárias franciscanas no final da década de 40 do século passado, quando de seu ingresso como aluna no Ginásio Santa Rita, criou a oportunidade para que ela entrasse em contato com alguns dos métodos e processos de ensino praticados naquela instituição de ensino, os quais fez circular em sua prática profissional. Sua trajetória no campo educacional nos remete a essa rede de pertencimento que operou, no seu caso, como veículo de acesso a esse repertório pedagógico, bem como lhe forneceu as ferramentas¹ para ler e significar esse repertório.

Pensando em historicizar sua experiência, procurei analisar a prática educativa das Franciscanas de Dillingen, observando o cotidiano do Ginásio Santa Rita a partir do olhar da educadora e dos vestígios materiais desse modelo de educação escolar.

2- Metodologia:

No presente estudo, as narrativas, pontos de apoio para o trabalho historiográfico, são utilizadas sobretudo para o resgate da pessoa do educador na sua história de vida. A história de vida pode ser considerada um relato autobiográfico no qual a escrita (que define a autobiografia) está ausente. Na história de vida, é feita a reconstituição do passado pelo próprio indivíduo, sobre o próprio indivíduo.

O desenvolvimento desse trabalho implica inevitavelmente na busca da compreensão do conceito de memória. Este esforço se justifica, pois a história oral tem

¹ Neste trabalho, “ferramentas” são concebidas como um esquema de valores e percepções compartilhadas por determinado grupo social e que estruturam e significam a experiência individual e coletiva. De acordo com Miriam Warde (2003, p. 127), por meio delas os sujeitos compõem “um determinado quadro compreensivo do que lhe fora dado a ver, ouvir e ler”.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

como suporte as lembranças, evidenciando uma memória coletiva. Esta última pode ser entendida como somatória de experiências individuais passíveis de serem utilizadas como fontes históricas.

Concordo com Halbwachs (1990) quando afirma que lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje. Não conhecemos o passado tal como foi porque o tempo transforma as pessoas em suas percepções, ideias, juízos de realidade e de valor. A partir dos estudos de Halbwachs, que apontam o caráter coletivo da memória e assim lhe atribui uma função social, é que se torna possível colocar a questão memorialista sob o ponto de vista histórico-sociológico. Esta reconfiguração permite reavaliar e apresentar o depoimento oral como fonte para o historiador.

As narrativas que compõem este artigo são resultantes de uma entrevista realizada com a educadora em março de 2010. A entrevista foi gravada e transcrita na íntegra, e como não seguiu um roteiro previamente definido, permitiu que diversas memórias viessem à tona.

3- O catolicismo e a educação feminina: reflexos no Ginásio Santa Rita

Até 1810, o catolicismo foi a única religião permitida no país, mantendo a condição de religião oficial até 1889. Não havia separação entre as esferas religiosa e política, assim como não eram laicas as instituições políticas do Estado.

Segundo Hoornaert (1977, p.246), do nascimento à morte, passando pelo casamento e todos os demais sacramentos, pela participação na vida pública e pela instrução dos filhos, toda a vida era impregnada pelo catolicismo, que formava o cenário da vida no Brasil. Nesse sentido, atender ao apelo missionário e professar a fé católica, como fez Estelita, significava atender ao apelo da religião que impregnava o cotidiano dos brasileiros. Fazer isso era conformar-se à maneira de pensar católico-conservadora com forte presença em Serra Branca, local onde criou os filhos e atuou como professora por 35 anos.

Marca da religiosidade católica, a obediência, a lealdade e a submissão fundamentaram as práticas de ensino e o modelo educativo propugnado nas escolas confessionais, especialmente preocupadas em forjar o perfil feminino desejado por



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Roma e transformar a mulher em colaboradora do projeto de romanização. Os conteúdos curriculares da maioria dos colégios destinados à educação feminina primavam por uma educação refinada, permeada de valores religiosos, sensibilidades, imagens e gestos cuidadosamente construídos, que traçavam os contornos da “moça de família”, devota, bem preparada para assumir a função social de esposa e mãe.

Na confluência desse pensamento, o Ginásio Santa Rita, escola confessional inaugurada em 1911, caracterizou-se por ser uma instituição de refinamento da cultura e da sociabilidade de suas alunas, preocupando-se em torná-las damas virtuosas inclinadas ao convívio social e religiosas convictas, de tal forma que pudessem educar seus filhos nesses princípios. O Ginásio Santa Rita atendia famílias de todo o nordeste brasileiro, sendo considerado exemplo de educação, ensino e formação das jovens.

Para atender aos objetivos da educação feminina católica, o Ginásio Santa Rita propugnava um modelo educacional baseado na instrução e na educação. No campo da instrução, importava prover a inteligência com as descobertas da ciência em assuntos humanos (universo das Ciências Naturais, da Matemática, da História, da Geografia, etc). Pertencia à educação a tarefa de modelar o caráter das alunas conforme os preceitos e valores morais católicos. O trabalho educacional buscava levar a aluna a internalizar esses preceitos morais e religiosos por meio da prática da virtude, do conhecimento dos valores religiosos e da assimilação dos bons exemplos. O objetivo maior do Ginásio Santa Rita era formar jovens cultas e sociáveis, mas acima de tudo, cristãs, católicas convictas, que disseminassem na família e em todos os espaços sociais os valores do catolicismo.

Para efetivar esse objetivo, o ginásio se organizava por meio de uma prática diária que comportava o momento dos estudos em sala de aula e o momento da vivência cotidiana, marcada por severo regulamento, de preferência em um modelo de internato, onde as alunas eram mantidas afastadas do mundo exterior e imersas na religiosidade.

Envolvidas nessa atmosfera de religiosidade, devoção e piedade, as alunas gravavam na memória, nos costumes, na cultura de cada uma, essa religiosidade, que



incorporada à vida da educanda, extrapolava os muros do ginásio, objetivo maior do projeto educacional das franciscanas.

4- Cartas e cartões: redes de sociabilidades reveladas

Estelita não quis apagar seus traços. Em sua casa, mil papéis preenchem gavetas, armários, estantes, pedaços de lembranças que a educadora guarda sugerindo a intenção de guardar o tempo em momentos significativos que podem ser evocados indefinidamente. Encontro em seu arquivo fragmentos de vidas que de outra forma estariam perdidas e permitem entrever a intimidade das famílias, com suas práticas, linguagem e visão de mundo. (PERROT, 2008).

A espontaneidade das cartas pode dar a ilusão de transparência, no entanto, impõe-se às moças, autoras de algumas cartas, certo modelo de comportamento, códigos de conduta que exigem tradução de sinais, leitura nas entrelinhas, captar as alusões em meias palavras, sentidos que em alguma medida continuam opacos para mim. Nesses escritos íntimos, entrevejo a existência de jovens às voltas com os papéis que a sociedade lhes impõe, e no caso de Estelita, confrontada entre as suas aspirações e o que era esperado para seu destino. É uma correspondência entre mulheres de origens diversas, ligadas pelo afeto da amizade construída no Ginásio Santa Rita, mulheres que se conhecem e se compreendem.

As colegas de internato escrevem de modo franco, em tom de convivência, fazem piadas, fofocas e críticas:

[...] S. esteve aqui há poucos dias, acabou o noivado. Domingo estava no cinema, quase não a conhecia, o vestido cava, decote enorme, de modo que o ombro constava de três dedos. Que decepção!. ([Carta] Areia, 28 de janeiro de 1955).

Nas cartas, as moças que buscam a interlocutora amiga e cúmplice, tecem o cotidiano em tom de confiança: aparecem com espontaneidade seus problemas, sonhos, amores encontrados e perdidos, mal-entendidos, mil detalhes que desenham o contorno de suas vidas e que me esforço por distinguir.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Elas falam dos vestidos, dos enxovais, provavelmente devido à importância do traje nas funções de representação das mulheres. O cuidado com a aparência, presente nos relatos das moças, revela uma marca da civilidade que também é responsabilidade das mulheres, principalmente daquelas das classes mais abastadas. As colegas internas inscrevem os acontecimentos do Ginásio nas luvas, nos vestidos, nos sapatos, que parecem ter valor inestimável:

[...] agora preciso falar um pouco sobre nossa formatura. Já está tudo organizado. O nosso vestido é róseo. A fazenda conforme o gosto de cada uma. O meu comprei de cácia, mas não gostei. Sapatos de verniz, sendo fechado, meias, luvas pretas, bolsa, etc. Por ser de fazenda facultativa, as meninas compraram de organdi suíço, organdi bordado e outras semelhantes. Estou pensando na decepção que as mães vão passar. Vivo frequentemente sonhando, nem penso em estudar. A festa será à tarde, pela manhã há missa. [...] falam que o bailado vai ser tão lindo como nunca. ([Carta] Areia, 7 de novembro de 1952).

O enxoval é um legado de conhecimento entre mãe e filha: “[...] Tens trabalhado muito nessas férias? Eu já estou ajudando a mamãe preparar meu enxoval e também estou fazendo um paninho de tricot”. ([Carta] Currais Novos, 16 de janeiro de 1948). A ocupação com as toalhas, os lençóis, os paninhos, também ganham sentido numa rotina de gestos aprendidos, repetidos e cultivados no Ginásio Santa Rita: “[...] Estelita, você já costura? Eu costuro alguma coisa. [...] agora o trabalho de classe é uma camisa de homem, no começo do ano fizemos uma camisola”. ([Carta] Areia, 4 de setembro de 1954).

Em alguns momentos, as cartas contam as práticas de moças devotas: “[...] não se esqueça (Estelita) que no próximo dia 14 de fevereiro é o aniversário de Madre Superiora, faça-lhe um belo presente de fervorosas orações,” ([Carta] Currais Novos, 16 de fevereiro de 1948).

Nas cartas, o pudor pesa sobre as revelações mais íntimas, como se estivessem a mostrar o que deveria estar oculto, ou a despertar uma curiosidade maléfica à castidade de moças cristãs: “[...] (Estelita), quanto ao meu idílio, vai mais ou menos. E você tenha



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

cuidado com esses namorinhos, que a moça muito namoradeira você deve saber o resultado...” ([Carta] Surubim, 2 de novembro de 1954).

[...] Estelita, este anexo é só para falar dos boys. [...] quase nada tenho a lhe contar. [...] Quando vier, traga muita coisa para me dizer, certamente você tem (muito) mais animação do que eu, logo é quartanista. ([Carta] Cupira, 16 de julho de 1950).

Havia também conflitos, brigas, revolta entre as ginasianas:

[...] Você me fez muita falta no internato. Falta apenas um ano para libertar-me dali, já não suporto mais! [...] O internato é aquilo mesmo. Não há quem suporte a tal Madre Siegfrieda, junto com a Superiora, de vez em quando expulsam um bocado. ([Carta] Esperança, 9 de fevereiro de 1952).

O internato, que para muitas colegas era um sacrifício, para a jovem Estelita era um privilégio:

[...] A vida que eu levava na fazenda me preparou para aceitar o colégio sem problemas, adaptando-me com tranquilidade à rotina da casa. [...] Tudo o que as freiras me ensinavam era bonito, perfeito, exato, com uma firmeza e uma certeza que não davam margem a questionamentos. Era um ensino divinamente orientado e passado para as alunas com extrema dedicação, que eu procurava retribuir. (Entrevista com Estelita Antonino, 15 de março de 2010).

A literatura católica, materialidade da devoção, circulava no Ginásio Santa Rita em inúmeros cartões (santinhos) estampados com imagens e mensagens sagradas. Eu os encontro às dezenas no arquivo de Estelita. Os inúmeros cartões encontrados tinham função prescritiva e pedagógica, são expressões materiais que concentram ações e significados, tornando-os importantes para a análise das expressões religiosas daquela instituição.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A face imagética apresenta o santo, santa ou anjo, numa cena característica do personagem a que se refere, relacionada à sua biografia e ao conjunto de lendas e mitos que compõem a sua tradição. (CERTEAU, 1996). Assim, elementos de aparência física, vestimentas, objetos, animais ou instrumentos de martírio, sinais adicionados à pessoa santa, contribuem nesta configuração.

As mensagens veiculadas nos cartões induzem processos de simbolização, formas de sociabilidades e de construção dos significados apregoados pela Ordem Religiosa das Franciscanas de Dillingen, nos quais se procura inculcar na jovem o apreço pelo silêncio e pela reflexão. Em um dos seus cartões se lê: “Estelita, Pelo silêncio é que se aprende a arte de falar bem”. ([Cartão] Sem data).

Há também frases, versos e expressões que exaltam a humildade, o silêncio, além de referências elogiosas às jovens pelo bom comportamento. Um dos cartões enviados à educadora exalta a “bôa Estelita pelo comportamento exemplar durante as aulas de música”; e parabeniza “pelo grande esforço nos estudos durante o ano letivo de 1949”:

Os cartões sintetizam, portanto, referências a uma maneira de dizer e também a uma maneira de fazer e viver no mundo; são composições de linguagem, gesto e contextos; combinações de regras, costumes e sentimentos postos a circular e apropriados pelos sujeitos de diferentes formas.

No caso de Estelita, a pequena caixa na qual repousam seus cartões, alguns por mais de 60 anos, guarda lembranças que materializam relações que povoaram sua vida e fundamentaram sua atuação no mundo.

Em muitos momentos, as narrativas das ginásianas em suas correspondências mostram a força dos modelos de orientação moral e religiosa que se infligiam às moças cristãs, postos à circular no Ginásio Santa Rita:

“[...] Queria ser você para passar o S. João ao lado das bondosas Madres. Desde que aqui cheguei só tenho ido à Igreja e mais a parte alguma. Madre Superiora mandou dois santinhos lindos para mim. Estou muito satisfeita ao lado dos papais, mas tenho



muitas saudades do colégio”. ([carta] Currais Novos, 30 de junho de 1947).

O espaço de Estelita é definido pelas relações familiares e frequentações mundanas, limitado ainda mais pelas restrições colocadas à circulação feminina, pois uma moça de família não pode circular só, mesmo estando a visitar a madrinha:

Estelita. [...] Faz mais de um mês que saíste daqui e não destes mais notícias. [...] Em que estais te ocupando aí? Tu não escreves por falta de papel ou de correio? Papai manda dizer que venha logo, pois aqui tem muito o que fazer. [...] se não vier quarta-feira, faça o favor de escrever, pois isto não é jeito de moça nenhuma, sair de casa e não dar mais nem notícia. Passeio muito demorado não é bom. Sua irmã. ([carta] Ligeiro, 26 de setembro de 1951).

Vê-se, pelo relato acima, que ser mulher na segunda metade do século XX é ocupar um lugar determinado pela divisão sexual dos papéis, o que obriga Estelita a se esforçar para atender à responsabilidade comum das mulheres (ser filha, esposa, mãe), e o excepcional (a docência, os cursos de aperfeiçoamento, os congressos, caminhos de emancipação que trilhou, permitidos às mulheres de seu tempo).

É possível afirmar que Estelita tentou, de certo modo, viver diferentemente sua condição de mulher, já que em momentos variados demonstra a vontade de escapar da opressão do cotidiano, da costura, da casa, dos filhos, destino habitual das mulheres.

Acredito ser possível afirmar que a jovem educadora conforma-se, resigna-se a seu destino de esposa e mãe, no entanto, não é uma mulher sem vontade, sem desejo.

Ao mesmo tempo, Estelita é adepta de um catolicismo muito tradicional em suas práticas de devoção e de crença. Sua devoção católica é romana, inteiramente dirigida pelo clero secular, o clero das paróquias, que fortalece a estruturação da Igreja e a primazia do papa: assistir à missa, confessar-se, catequizar são seus atos maiores, aos quais a educadora se dedica fervorosamente. Aqui reside, talvez, a coerência de uma visão de mundo e de uma sensibilidade, a chave de leitura que permite vislumbrar os



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

traços de uma educação recebida na família e no Ginásio Santa Rita que marcaram a sua existência e foram propagados por meio de uma prática educativa fortemente vinculada aos preceitos morais e religiosos da fé cristã.

Os dias, os pensamentos de Estelita, estão imersos em devoção; suas exortações à Maria Santíssima, importante elemento cultural católico, são anunciadas nas reuniões da Pia União das Filhas de Maria, nas celebrações organizadas pela Igreja em Serra Branca, nos grupos de oração:

Prezada assistência. [...] Contemplemos Maria na sua glória, nos coloquemos sob o seu manto virginal neste dia em que o mundo cristão se volta para os braços da Mãe de Deus. Deus quis arrancar do abismo esta humanidade pecadora, tomando a natureza humana no ventre da única criatura que trazia a sua alma isenta dessa nódoa. Maria, que representa o lírio da pureza virginal, continua velando pelos seus filhos que constantemente se desviam do caminho do bem [...]. ([oração] Estelita Antonino, sem data).

Assim anunciada, a oração tem caráter pedagógico ao transmitir doutrinas e ensinamentos importantes ao seu grupo de pertencimento, funcionando como apelo emocional à conversão.

Suas palavras de exortação religiosa, constantemente repetidas nos espaços por onde circula, indicam sensibilidade e sintonia com os princípios da religião católica, assim como funcionam como confissão pública da fé da educadora e instrumentos de divulgação e promoção da Igreja Católica Romana.

A análise de suas orações permite vislumbrar a sintonia com aspectos essenciais da visão de mundo da Igreja Católica: ressaltam a experiência pessoal com Deus, a salvação pela fé, a corrupção do homem, a necessidade de santificação pelas boas ações e a expectativa da vida eterna, com forte devoção a Virgem Santíssima. O caráter hierárquico e universalista do catolicismo, seus dogmas, também são temas encontrados em suas orações:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

[...] Protegeí, Senhor, o Representante de Vosso Filho na Terra, os bispos, os padres, os religiosos, os fiéis, fazei com que todos – sacerdotes e leigos, adolescentes, adultos e velhos – formem uma estreita união de pensamentos e afeto [...]. ([oração] Estelita Antonino, sem data).

Em várias passagens aparecem expressões que promovem a obediência, a humildade, a pureza, além de ressaltarem o caráter pecador do homem.

5- Conclusão:

As comunicações de Estelita Antonino de Souza são a evidência de que comunga com os princípios e valores fundantes do catolicismo, experimentado e praticado na família e no Ginásio Santa Rita. É nesse quadro que posso compreender a trajetória profissional traçada por Estelita, estudante de uma escola confessional católica e professora no início da carreira de uma escola paroquial, experiências que proporcionaram a educadora a oportunidade de se formar em determinada concepção de vida e de ensino, colaborando assim para fazer circular em sua prática educacional os princípios da doutrina cristã, além dos elementos da pedagogia e da cultura do seu grupo religioso.

A trajetória percorrida por Estelita no campo educacional nos remete a essa rede de pertencimento que operou, no seu caso, como veículo de acesso ao repertório pedagógico cristão. Nesse sentido, procurar seus interlocutores e os cruzamentos que ela estabeleceu com base na sua rede de pertencimento nos permite, como afirma Sirinelli (2003, p. 246), esclarecer “genealogias de influências”, dando inteligibilidade ao seu repertório intelectual.

A presença das franciscanas alemãs no ginásio nos fala do contato de Estelita com esse modelo de educação trazido para o Brasil, mas também evidencia que esse modelo não foi imposto, mas sim visto como ideal de pertencimento.

Certamente, a interlocução e a convivência com as franciscanas alemãs foram fundamentais para a formação profissional da educadora em termos de aprendizagem da cultura pedagógica praticada pelas religiosas católicas. A atuação das freiras professoras deu à Estelita a possibilidade de observar, no próprio cotidiano da escola, a prática



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

pedagógica que ela fez circular no seu percurso profissional. Essa experiência marcou a trajetória da educadora, conforme pretendo demonstrar no próximo capítulo, visto que, mesmo depois de sua saída do Ginásio Santa Rita, num processo em que se articularam reflexão e interpretação, incorporou a sua prática pedagógica os métodos de ensino observados na instituição confessional, modelo e referência em termos de organização e métodos pedagógicos para a época.

O fato de Estelita ter passado pelo ginásio, e posteriormente, quando professora, a partir de outras redes de sociabilidades, fazer circular os preceitos da educação católica, indicam mais uma vez uma “genealogia de influência”, o lugar de sua formação pedagógica, além de evidenciar que o projeto da igreja de propagar os princípios doutrinários do catolicismo envolveu não só seus agentes oficiais, mas também aqueles que gravitavam em torno deles, como foi o caso de Estelita.

Foi nesse ambiente religioso e seus cruzamentos que Estelita circulou. A partir deles estabeleceu um diálogo e uma apropriação da experiência educacional católica. Evidentemente a educadora teve outros interlocutores, ligados a outras redes de relações, porém, foi a ligação com a religião católica que permitiu vislumbrar seu percurso.

Referências:

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópoles: Vozes, 1996.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOORNAERT, Eduardo *et al.* **História da igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo, primeira época**. Petrópoles: Vozes, 1977.

PERROT, Michelle, **Minha história das mulheres**; [tradução Angela M. S. Corrêa]. 1 ed. Reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008.

SCOTT, Joan W. Experiência. In: SILVA, LAGOS e RAMOS (Org.) **Falas de gênero: teorias, análises e leituras**. Santa Catarina: Ed. das Mulheres, 1999. P. 21-55.

Entrevista:

Estelita Antonino de Souza. Entrevista realizada em sua casa, no município de Serra Branca, março 2010.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Fontes utilizadas:

Cartões – Curso Ginásial - Ginásio de Santa Rita.

Cartas – Estelita Antonino de Souza – Arquivo pessoal da educadora.